

RELATO DE VIVÊNCIA COM A DEPENDÊNCIA QUÍMICA.

Maria da Conceição F.

Eu, Maria da Conceição F., tenho 35 anos de idade, sou solteira, mãe de dois filhos (13 e 15 anos), resido em Recife com eles e minha mãe.

Fui estimulada a escrever este relato no CAPSad Estação Vicente Araújo onde faço tratamento há um ano.

Aos 10 anos comecei a usar álcool, morava com minha mãe e meu padrasto que é usuário de maconha. Ele (Padrasto) sempre usava a maconha em minha frente e assim como o cigarro eu pensava ser, a coisa mais natural do mundo.

Aos 13 anos já bebia e fumava o cigarro conhecido (tabaco).

Eu tinha vários amigos (as) e entre eles, havia um irmão de uma amiga que aos 12 anos já fumava maconha. A mãe deles sempre pedia-me para aconselhá-lo a parar de usar e, entre uma conversa e outra ele disse: Isso é muito bom, se provares nunca mais vai querer parar, porque não prova? E provei... Daí, já não era só o álcool nem o cigarro, conheci também a cola, o loló e alguns comprimidos que tomava para instigar.

Aos 32 anos, como se não bastasse conheci o crack dentro de casa. Meu irmão em viagens a trabalho, envolveu-se com o crack e certo dia ao voltar de viagem veio usar em casa (Mãe), despertou em mim o desejo de usar, e acabei usando.

Em 1997, quando ainda trabalhava, fui submetida a uma cirurgia para a retirada de um abscesso interno nas nádegas que foi causado através de uma queda quando estava embriagada. Essa cirurgia comprometeu diretamente o meu reto e tive de ser submetida a uma colostomia em alça intestinal (perfuração no lado esquerdo do abdome para passagem das fezes), isso fez com que eu me sentisse um nada.

Em meio a família sofri críticas e gozações. Fiquei, sem chão, pra mim tudo acabava após aquela maldita cirurgia. E isso fez com que eu me aprofundasse mais cada vez mais nas drogas. Cheguei a ficar 24 horas por dia drogada.

Fui indicada a um proctologista que me encaminhou a um gastroenterologista que solicitou uma série de exames ,e constatou DC (Doença de Crash), então passei a tomar vários antibióticos e anti-inflamatórios que me deixavam cada vez mais debilitada e sem sombras de melhoras.

Tempos depois fui novamente submetida a mais exames, dessa vez mais intensos e todos deram normais. A doença estava estabilizada, mas eu não me sentia bem, emagrecendo dia após dia. A Dr^a que me acompanhava ficou espantada pois não sabia o que estava acontecendo: porque eu perdera tanto peso? Eu sabia, tinha certeza. Só poderia ser por o consumo das drogas.

Então me senti incomodada com aquela situação e resolvi contar pra ela que sou usuária de drogas. Não foi fácil dizer isso pra ela, pois nunca imaginei que um dia eu teria de me expor dessa forma para um profissional de saúde.

Então me perguntou:

Você quer que marque uma consulta com psicólogo? Na sua situação é necessário que um psicólogo a acompanhe. Pois com essa doença, todas essas drogas e principalmente o cigarro que já fora comprovado, vai de contra aos medicamentos.

Respondi:

Pode ser, mas com indiferença pois tinha a concepção de que todos os psicólogos eram loucos.

Mas, logo de imediato ela me deu um encaminhamento para um Centro de Apoio Psicoterapêutico, mas não era o que eu queria. Onde me mandaram o Distrito não era compatível ao bairro onde moro então desisti, não queria mesmo. Um dia fui buscar as bolsas de colostomia no Hospital Barão de Lucena (HBL), estava irritada, angustiada, sem vontade de viver, já não suportava mais aquela situação. Ao ser atendida pela chefe do Programa de apoio aos ostomizados, que também à ostomizada, tentou me confortar e me falou de uma psicóloga que era especializada no atendimento aos ostomizados e me induziu a aceitar uma consulta, mesmo que eu não fosse mais, se não me sentisse bem , mais que eu precisava tentar, e eu concordei em ir a uma consulta.

Ao entrar no consultório, perguntou-me? E aí? Como está se sentindo com a colostomia? Tem se adaptado?

Pensei: Só pode ser louca, como alguém pode se adaptar a essa porcaria?

Mas não hesitei, caí em prantos...era impossível falar sobre aquilo para mim.

O tempo foi passando e as palavras foram saindo amargas sem esperança, eu resolvi calar-me. Então Dr^a Karla, foi tentando me confortar contando histórias de pessoas em situações bem mais difíceis e daí fui me acalmando.

Na segunda consulta já não tinha tanta coisa pra dizer mas precisava falar sobre o consumo das drogas. Ela me deixou bem a vontade e aos poucos lhe contei que era usuária e precisava parar com o uso, mais no fundo não era o que eu queria.

Ao término da minha fala ela me diz:

Você precisa se libertar das drogas.

Questionou a minha saúde, meus filhos, minha mãe, e me propôs a tentar ir ao CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) me dando o encaminhamento para o CAPSad Estação Vicente Araújo.

No dia seguinte compareci, fui atendida pela Dr^a Marta Psicóloga do Capsad que me pediu pra voltar no outro dia para uma triagem. No outro dia voltei e contei tudo aquilo que está escrito anteriormente e acrescentei mais... Da minha falta de vontade de viver, dos sonhos que acabara, de um mundo que criei composto apenas por mim e a droga da falta de amor para comigo e os outros, da minha não compreensão com relação a tudo...

De imediato ela me disse:

Não temos vaga, mas volta em 7 (sete) dias que veremos o que fazer.

Quando voltei Dr^a. Marta chamou a gerente clínica Dr^a Ivana que já sabia da minha história e sentando do meu lado ela fitou-me e com voz firme disse-me:

Aí fora tem milhares de pessoas esperando por uma vaga dessa.

Se você esta mesmo querendo, vou abrir uma exceção pra você, mas tem que levar a sério, pois aqui ninguém esta de brincadeira.

Me irritei com o jeito que ela falou e respondi:

Se não quisesse, jamais estaria aqui. Por que eu estaria de brincadeira?

Daí fui admitida.

Conheci usuários de todos os tipos de drogas, das pesadas , as que para algumas pessoas consideradas mais leves.

Desde março/2013 frequento o CAPSad. Tive momentos bem difíceis, no começo consegui 45 dias de abstinência da maconha, mas continuei usando álcool e crack. Em maio voltei a usar também a maconha e foi com muita luta, e com a força de vontade da minha TR Dr^a Edilene (Técnica de Referência) que graças a Deus nunca desistiu de mim. Hoje estou abstinente a mais ou menos 47 dias. Ainda frequentadora do CAPS.

Aprendi que a dependência química é uma doença que o dependente sozinho ele não consegue parar o uso.

É necessário procurar ajuda de profissionais. Reaprendi a querer viver, voltei a sonhar. Aprendi que posso encarar todo e qualquer tipo de situação de cara limpa. Estou ganhando o amor e carinho de meus filhos, meus sonhos ressuscitaram. Percebo o brilho que reluz em meu rosto, quando antes eu via tudo ofuscado. Nunca fui feliz, hoje sinto uma felicidade inexplicável... Tudo isso graças a Deus e aos profissionais, a minha vida está mudando.

Há alguns dias atrás foi visto por nós usuários do CAPSad um filme cujo nome é: “Cartas para Deus”.

Esse filme despertou em mim a vontade de escrever um livro, que já era um sonho de criança e que se apagou no passado e com esse relato eu estou me sentido muito animada para escreve-lo.

Recife, 28 de março de 2014